

12/12/2018 - 05:00

O mais ousado experimento da China

Por **Dani Rodrik**

Neste mês completam-se 40 anos desde que os dirigentes da China puseram o país num caminho de reformas que produziu a mais drástica transformação econômica da história. Mao Tsé-tung tinha morrido dois anos antes, em 1976, e o recém-reabilitado Deng Xiaoping tinha imprimido com êxito sua visão de desenvolvimento econômico e modernização na Terceira Sessão Plenária do Comitê Central realizada em dezembro de 1978. Nas quatro décadas que se seguiram, a China se transformou numa potência econômica e anunciou uma reformulação igualmente grandiosa da economia e da geopolítica mundiais.



As reformas da China começaram na área da agricultura, onde o fardo esmagador dos controles estatais foi abrandado. Por meio do mecanismo de dupla faixa de preços, os agricultores receberam incentivos de mercado. O sistema de responsabilidade das famílias lhes franqueou maior controle sobre a terra que trabalhavam. Os produtores rurais reagiram rapidamente, aumentando sua eficiência e sua produção.

As reformas foram posteriormente ampliadas e estendidas para outras áreas. Incentivos à produção não agrícola foram reforçados por meio de uma forma híbrida de propriedade chamada Township and Village Enterprises (TVEs [uma categoria de empresas de propriedade dos governos das pequenas cidades e das aldeias, além dos moradores dessas localidades]). Na medida em que as reformas se disseminaram para as cidades, as companhias estatais conquistaram mais autonomia e foram estimuladas a se tornar empresariais. Foram criados incentivos para que províncias e municípios investissem e estimulassem o crescimento da economia. E a expansão das Zonas Econômicas Especiais (ZEEs) na década de 1990 pôs decididamente a China no caminho da integração com a economia mundial.

O objetivo geral dessas reformas foi aumentar a orientação de mercado e a abertura externa da economia. Mas, embora a participação da China no comércio internacional e nos investimentos privados tenha crescido, enquanto a do setor estatal encolhia sistematicamente em termos proporcionais, as autoridades retiveram sólido controle sobre a gestão da economia. A reestruturação e a diversificação da economia foram promovidas por meio de uma série de políticas industriais. Exigiu-se que os investidores estrangeiros ingressassem em "joint-ventures" com empresas domésticas e elevassem a utilização de insumos locais. A taxa de câmbio e os fluxos financeiros internacionais continuaram, na maior parte, controlados.

No decorrer de todas essas medidas, a liderança da China não seguiu qualquer manual e avançou resolutamente de acordo com suas próprias determinações. As reformas não foram orientadas nem pelos ditames comunistas nem pelos dogmas do livre mercado. Se é que os graduados formuladores de políticas públicas seguiram um princípio

abrangente, ele correspondeu ao que pode ser chamado de "empirismo pragmático". Como disse celeberrimamente Deng, o que importava não era a cor do gato, e sim se ele capturava ou não os ratos.

A opinião corrente entre cientistas sociais é a de que as exigências das economias avançadas só podem ser atendidas por meio do aumento das liberdades políticas. A elite política chinesa mostra-se cética. Quando olha hoje para o Ocidente, vê populismo e demagogia

Em vista das peculiaridades da experiência da China, não surpreende que continua havendo considerável discussão sobre as lições a serem tiradas dela. Para muitos no Ocidente, a China é uma demonstração das vantagens de recorrer aos mercados e da liberalização econômica. Mas se a China fosse atualmente um tremendo fiasco econômico, suspeito que as mesmas vozes se apressariam em atribuir o fracasso à persistente ingerência do Estado chinês. Para outros, a China é demonstração da superioridade intrínseca do modelo capitaneado pelo Estado. Mas muitas das mesmas políticas públicas, como a dupla faixa de preços ou as exigências de conteúdo local, fracassaram em outras configurações.

Essas perspectivas antagônicas podem ser reconciliadas. A China não infringiu os princípios da economia tradicional; em vez disso, deu uma "master class" sobre sua aplicação criativa num intrincado terreno político e econômico. A dupla faixa de preços forneceu incentivos de mercado no limite, sem solapar a arrecadação fiscal. As TVEs estimularam o empreendedorismo privado, apesar da fragilidade das estruturas de direitos de propriedade e da fiscalização de cumprimento de contratos. As ZEEs estimularam as exportações e os investimentos externos sem comprometer o nível de emprego entre empresas estatais protegidas.

As políticas industriais permitiram que setores recém-instaurados internalizassem ensinamentos de outros setores. Em resumo, a China representa o triunfo da economia prática - nos quais dominam as estratégias, as falhas de mercado, o equilíbrio geral e a economia política de segunda categoria - sobre o raciocínio simplista dos Princípios Gerais da Economia.

O modelo chinês pode ainda não ter sido submetido à sua maior prova. Ao longo de toda a transformação econômica do país, a hegemonia política do Partido Comunista da China nunca foi posta em questão. Mas, no exterior, observadores esperavam que o persistente desenvolvimento econômico acabaria levando à liberalização política. Em vez disso, sob o presidente Xi Jinping, a China deu uma guinada decididamente mais autoritária. Isso é má notícia para as centenas de milhões de chineses cujas liberdades políticas estão sendo cada vez mais rigidamente restringidas.

A repressão política pode ser má notícia também para a economia, por ao menos dois motivos. Primeiro, a possibilidade de as pessoas falarem livremente oferece um mecanismo de aviso prévio sobre políticas que poderiam acabar fracassando, o que possibilita às autoridades mudar de curso antes de ocorrerem maiores prejuízos. Segundo, a concorrência política fornece mecanismos institucionais para canalizar a oposição, que, do contrário, poderá extravasar para as ruas e alimentar distúrbios civis.

A opinião corrente entre cientistas sociais é a de que as exigências das economias avançadas e das crescentes classes médias só podem ser atendidas por meio do aumento das liberdades políticas e da competição. A elite política chinesa mostra-se cética, e não sem motivo. Quando olha para o Ocidente atualmente, vê populismo, demagogia e profundas divisões em vez de sociedades harmoniosas, inclusivas. Sua tentativa de associar uma economia de alto crescimento e tecnologicamente sofisticada a um autoritarismo intensificado é talvez seu experimento mais ambicioso de todos os tempos. **(Tradução de Rachel Warszawski)**

Dani Rodrik é professor de economia política internacional da Faculdade de Governo John F. Kennedy, da Universidade de Harvard. Copyright: Project Syndicate, 2018.

www.project-syndicate.org

